

Prefácio ao Repertório

Forward to The Repertory

MATHEUS MARIM

Descritores: História da homeopatia; Filosofia homeopática; Repertorização em homeopatia.

À medida que Hahnemann foi identificando a estrutura da ciência homeopática por intermédio da coleta de sintomas provenientes da experimentação de substâncias no homem "são", percebeu, já no início, que seria muito difícil reter na memória toda a enorme quantidade de sintomas que a mãe natureza lhe apresentava. Urgia, pois, elaborar uma listagem desses sintomas agrupados em torno de algum elemento comum, para que se constituíssem em uma fonte de fácil consulta para o trabalho clínico do dia-a-dia.

Hahnemann mesmo iniciou esse trabalho. À medida que a experimentação ia lhe fornecendo dados, anotava cada sintoma completo em uma tira de papel juntamente com o nome do medicamento que o desencadeara e colava essa tira em uma folha de seus cadernos, a qual continha outros sintomas semelhantes obtidos pela experimentação da mesma ou de outras substâncias. Chamava a essa estrutura de "dicionário de sintomas".

Já em 1805, a segunda parte do "Fragmenta" continha algo que podemos chamar como a "primeira listagem repertorial homeopática". Em 1819, depois de haver estruturado a sua teoria miasmática, Hahnemann pediu a Ruckert um dicionário de sintomas para adicionar à segunda parte das Doenças Crônicas. Ruckert trabalhou nessa tarefa no período de 1822–1830, mas elaborou apenas um manuscrito, que nesse ano foi apresentado (mas não publicado) com as assinaturas de Hahnemann, Ruckert, Gross, Jahr e Boenninghausen.

A primeira publicação repertorial aparece em 1828 sob a responsabilidade de Hartlaub (Leipzig) e a segunda em 1830, quando Weber, em 536 páginas procura cobrir a totalidade dos sintomas mais observados até então.

Depois de Ruckert, Hahnemann pediu a Jahr que trabalhasse em um Dicionário de Sintomas que fosse bastante completo, mas desentenderam-se quanto à sistemática de apresentação e distribuição, passando então a incentivar o trabalho de Boenninghausen que publica o primeiro Repertório de Medicamentos Antipsóricos, prefaciado por Hahnemann, em 1832. A primeira edição esgota-se em seis meses, saindo a segunda edição em 1833; em 1835 publica o Repertório dos Medicamentos Não Antipsóricos, surgindo nesse mesmo ano o primeiro volume do repertório de Jahr.

Até sua morte em 1843, Hahnemann viu ainda publicados os repertórios de Glazor (1833 - 1º Repertório de Bolso Alfabético - 165 páginas - Leipzig), Weber-Peschier (1833 - Repertório de Sintomas dos Efeitos Patogenéticos Puros - 376 páginas e prefaciado por Hahnemann), Ruoff (1837 - 236 páginas - Stuttgart) e talvez tenha

conhecido o de Laffitte (1843 - 975 páginas - Repertório Homeopático de Sintomatologia - Paris), primeiro repertório editado em língua francesa,

Fica bastante claro que o repertório homeopático também é um trabalho que se iniciou com o Gênio de Meissen. Consideramos fundamental este esclarecimento, pois são inúmeros os autores que apregoam ser o repertório de sintomas homeopáticos uma ferramenta desnecessária e que Hahnemann a havia condenado. Condenou sim os dicionários de medicamentos para doenças, mas jamais condenou os repertórios de sintomas que levassem à identificação do medicamento que contemplasse a unidade que é o doente.

Se levarmos em conta os dicionários ou repertórios construídos para o tratamento de doenças, mais de duzentos repertórios já foram publicados nestes 200 anos de homeopatia. Repertórios de patologias, de sintomas característicos, de adições, de matéria médica comparada, de sintomas regionais, de modalidades, de sensações etc. inundaram as bibliotecas dos homeopatas até o início deste século.

Excetuando-se os repertórios de patologias, que contemplam o paradigma doença, os repertórios destinados aos clínicos que trabalham o paradigma do doente como uma unidade seguiram, inicialmente, dois caminhos principais; os que iniciavam a listagem a partir dos sintomas particulares e daí para os gerais e com um grande fracionamento dos sintomas, agrupando os medicamentos pelas suas localizações, modalidades, sensações e daí para as generalidades (Boenninghausen) e os repertórios que partiam do geral para o particular, iniciando a listagem pelos sintomas mentais e não permitindo o fracionamento dos sintomas (Jahr - Hering - Hempel e Wart), ou seja, exigindo que os sintomas fossem colocados da mesma forma que foram obtidos nas experimentações, sem distorções ou desmembramentos.

Com o tempo os dois modelos extremos foram mostrando suas dificuldades e incompletudes, ora induzindo a erros, ora tornando difícil a comparação do sintoma obtido ao registro patogenético ou então forçando uma analogia inexistente. Surge então uma posição intermediária entre esses dois extremos, emanada da Escola de Filadélfia, com Lippe, Lee e Kent que, tomando como base o Repertório de Boenninghausen, reagrupam as localizações, concomitâncias e modalidades em torno do sintoma principal, remetem as sensações às generalidades, aprofundam o estudo dos sintomas mentais e ancoram as modalidades às respectivas seções. Ao invés de graduar os sintomas de 1 a 5 como faziam Boenninghausen e Hering, o grupo de Fi-

ladélfia optou pela graduação de 1 a 3, considerando o repertório de 37 seções. A primeira edição aconteceu em 1897 e a segunda em 1914.

A partir de então, como consequência de atuar homeopático, inúmeras adições e rearranjos foram introduzidos ao Repertório de Kent, que na verdade dever-se-ia chamar Lee - Kent, uma vez que o trabalho braçal de consulta às matérias médicas, incorporação de outros repertórios e ordenação foram feitos por Lee, que após quase vinte anos de trabalho perdeu a visão quando o repertório foi concluído, talvez pelo excessivo esforço ocular, consequência de longas horas de trabalho à luz de candelabros e lampiões.

As propostas de extensões mais comuns entre nós são o Kent/Barthel e o Kent/Eizayaga, menos difundidos estão o Kent/Lara de la Rosa, o Kent/Murata, o Kent/Kunzli, bem como a variedade Kent/Boericke, além da tradução ao francês de Broussalian. Mais recentemente temos o Synthesis, derivado do Sistema RADAR que, na realidade, é um Kent/Kunzli/Barthel/Synthesis que acrescenta cerca de 150.000 adições entre rubricas e medicamentos a rubricas. A maior parte dessas adições são de sintomas que o próprio Kent os teve à mão, mas não incluiu no repertório. As demais são originárias do trabalho clínico, uma vez que, infelizmente, a homeopatia vem caminhando ao lento ritmo de uma ou duas novas patogenesias ao ano.

A dádiva que Ariovaldo oferece aos homeopatas brasileiros ao final de dez anos de trabalho tem a seriação Kent/Kunzli/Barthel/Synthesis/ Ariovaldo, pois além de preocupar-se com a tradução teve também o cuidado de estabelecer com critério as rubricas afins e conferir os medicamentos na matéria médica ao encontrar discordância entre os autores que serviram de base para o trabalho. Temos assim uma obra de grande confiabilidade para o trabalho clínico e para o estudo de medicamentos.

Ofereceu-me ele a gentileza do prefácio pelo fato de havermos já passado por experiência semelhante. No período 1976-78, juntamente com os colegas José Laércio do Egito e Nicola Tommasino havíamos feito a tradução para o português do Repertório de Kent e abortado nas provas gráficas quando da publicação do Repertório Kent/Eizayaga em 1978. Várias foram as razões pelas quais o grupo optou pela não publicação: 1- o fácil domínio da língua espanhola pelos homeopatas de então, 2 - a listagem de traduções dos sintomas ao português realizada por Arthur de Almeida Rezende Filho que, incrustrada ao início do Kent/Eizayaga, tornava-o de manuseio ainda mais fácil aos brasileiros, 3 - as adições que Eizayaga fizera a partir

do Barthel e outros autores tornavam a sua versão mais completa, uma vez que nos ativéramos à simples tradução com o auxílio de dicionários da época de Kent e consulta aos textos de matéria médica (Allen, Hering e Kent), 4 - O alto custo da obra e não mais que vinte homeopatas no país com tendência ao trabalho unicista e utilização do repertório.

Ariovaldo teve sua principal formação homeopática em grupos onde a tradução do repertório para o espanhol provocava anticorpos, talvez a esse fato devamos a sua determinação em traduzir o Kent para o português, uma vez que o Kent/Eizayaga pouco fez parte da sua clínica. Tivemos a oportunidade de vivenciar com ele e outros colegas o Grupo Repertório da Associação Paulista de Homeopatia durante o período 88–92 que, além de "tocar o trabalho" junto com os alunos de 2º e 3º anos, propiciava períodos de discussão e trabalho compartilhado. Foi aí que tivemos a oportunidade de conhecer sua grande responsabilidade e disposição para com o trabalho homeopático. Foram anos de interessante convivência e interação, onde tivemos a oportunidade de muito conversar sobre os repertórios e suas linguagens, suas deficiências e armadilhas, além de compartilhar com os alunos períodos de constante aprendizado.

Para quem já passou por experiência semelhante sabe que esta é uma tarefa árdua, que apesar das simplificações que hoje em dia os computadores introduzem, ainda assim ocupa milhares de horas de pesquisa, rouba irrecuperáveis horas de convívio familiar e torna o pesquisador prisioneiro do seu objeto.

Ariovaldo traduziu, corrigiu, agrupou, desmembrou, acrescentou, sinalizou, tudo isso com a única intencionalidade de tornar mais fácil e mais preciso o nosso trabalho com os doentes. Temos pois, em mãos, um aperfeiçoado Kent/Kunzli/Barthel/Synthesis/Ariovaldo ou Ribeiro Filho (não sei como ele gostará que o chamemos), que provavelmente evoluirá para Ariovaldo II, III etc. tudo dependendo do retorno que os homeopatas brasileiros agradecidos, derem ao seu trabalho, que sem dúvida alguma, pela sua completude, constituir-se-á na referência repertorial base em nossa língua.